

# Jornal na escola: estratégias de uso para a construção de cidadania

**RESUMO:** O tema central deste artigo é o jornal na escola, a sua utilização em sala de aula como instrumento de apoio didático, mas principalmente de incentivo à prática da leitura e, por conseqüência, de uma interpretação mais crítica da realidade por parte dos estudantes, favorecendo assim o seu processo de formação para a cidadania. Na Bahia, apenas o jornal *A Tarde* mantém, desde 1996, um programa intitulado *A Tarde na Escola*. A pesquisa foi concentrada nesta experiência, na construção de um estudo de caso que permitiu compreender de que maneira experiências como esta têm contribuído para a formação de estudantes que sejam leitores mais criativos e mais críticos em relação ao contexto social em que vivem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Letramento. Leitura. Jornal. Escola. Cidadania.

**Edivaldo Machado  
Boaventura**

Professor Emérito da FAGED/UFBA  
edivaldo@atarde.com.br

**José Péricles Diniz Bahia**

Doutorando do Programa  
Multidisciplinar de Pós-Graduação  
em Cultura e Sociedade da FACOM/UFBA  
periclesdiniz@globo.com

## Introdução

O jornalismo pode ser utilizado como recurso auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, a partir do momento em que os seus textos e seu conteúdo editorial sejam analisados criticamente. Mas como realmente tem sido utilizado o jornal impresso nos processos educacionais na Bahia? O tema central desta pesquisa é o jornal na escola, a sua utilização em sala de aula como instrumento de incentivo à prática da leitura e, por conseqüência, de uma interpretação mais rica e mais crítica da realidade, com vistas à cidadania. Em todo o mundo têm sido criados programas que envolvem a utilização do jornal na educação. No Brasil, segundo a Associação Nacional de Jornais (ANJ)<sup>1</sup>, 17.022 escolas haviam sido atendidas até o ano passado por intermédio de 48 programas mantidos por empresas jornalísticas a ela ligadas, envolvendo mais de 130 mil professores e 5,8 milhões de estudantes. A iniciativa é interessante tanto para a empresa jornalística quanto para a própria escola, porque de um lado fomenta o gosto pela leitura (estimulando, assim, a formação de futuros assinantes) e ajuda na consolidação de uma boa imagem do jornal, mas também oferece aos professores um recurso de fácil acesso para dinamizar as aulas.

Ainda que possam apresentar características específicas, em linhas gerais tais programas implicam no fornecimento gratuito às escolas de uma determinada quantidade regular de exempla-

(1) Disponível em:  
<[www.anj.org.br](http://www.anj.org.br)> .  
Acesso em: 24 maio 2005.

res e a orientação aos professores quanto ao seu uso pedagógico, em alguns casos convocando-os a envolver os estudantes em acompanhar todo o processo de pesquisa, produção, edição e impressão do material noticioso. Alguns jornais também mantêm seções específicas ou cadernos semanais ou mensais que fazem o intercâmbio entre o programa e as escolas, além de registrar eventos e divulgar pesquisas, debates e publicações diversas sobre o tema.

Na Bahia, apenas o jornal *A Tarde* mantém desde 1996 um programa, intitulado *A Tarde na escola*, que envolvia, em 2005, um total de 76 instituições de ensino na Bahia, sendo 62 escolas públicas e 5 particulares, além de 9 ligadas a organizações não-governamentais, o que representa um universo estimado em 63 mil estudantes do ensino fundamental e médio, com idade escolar entre 11 e 18 anos, bem como 2 mil professores.

O problema central a permear este estudo foi a tentativa de compreender como experiências deste tipo têm contribuído para a formação de novos leitores e, mais ainda, para a prática de uma leitura crítica e criativa do contexto escolar. Para tanto, foi necessário assumir a premissa de que o jornal impresso, como influente veículo de comunicação, é efetivamente um instrumento de estímulo à leitura. Por oferecer atualidade e contexto, tem potencial para ser usado em sala de aula como instrumento pedagógico, através de programas específicos ou não, contribuindo para a formação de leitores mais críticos e conscientes da realidade social e política que os cerca.

## Leitura e senso crítico

O péssimo desempenho dos estudantes brasileiros, exposto em diversos relatórios de estudos e sistemas de avaliação, tem aumentado a preocupação de educadores com as dificuldades de acesso aos mecanismos de desenvolvimento do senso crítico, tão necessário na formação de cidadãos conscientes e socialmente ativos. Esse quadro tem alimentado a discussão sobre as condições e instrumentos que se pode utilizar no incentivo à prática social da leitura. A partir dos novos paradigmas colocados aos educadores, tem sido possível incorporar conceitos como interdisciplinaridade e letramento, que apontam para leituras diversas do mundo contemporâneo. Com base em tais pressupostos, tratamos de analisar que papel pode desempenhar o jor-

nal impresso como instrumento pedagógico e recurso auxiliar no processo de ensino e aprendizagem.

O analfabetismo é uma das mais degradantes formas de exclusão, pois tem a característica de perpetuar seus sujeitos em um perverso estado de inércia. Se a aceitação e até mesmo o incentivo das práticas sociais de leitura e escrita favoreceram a consolidação da ideologia burguesa, a manutenção de índices tão altos de iletrados em países periféricos, como o Brasil, parece responder a uma estratégia distinta, mais adequada aos compromissos assumidos, desde a época da colônia até hoje, junto ao esquema imperialista internacional. E ainda que a princípio possa parecer contraditório, em se tratando de um país com índices de analfabetismo como os nossos, o ensino do português continua orientado precisamente para a prática da escrita. No ambiente escolar, todas as atividades de prestígio giram em torno do ato de escrever, que sempre teve papel fundamental. Mas a escola se preocupa em fazer isto a partir da transmissão mecânica de regras gramaticais e normas ortográficas, sem ensinar o que é escrever, quais as suas implicações semânticas e significados sociopolíticos.

O ato de ler está automaticamente condicionado pelo exercício da escrita. Quando alguém lê o desenho colocado numa placa de trânsito, por exemplo, interpretando-o e relacionando expressões de fala às formas gráficas, ele pode ser considerado escrito. Quem interpreta, não o faz meramente por prazer, mas para atender ao que a escrita indica. Ou seja, há uma motivação concreta, que é a sua própria razão de ser. Decifrar é somente um aspecto mecânico do seu funcionamento. Ler não é apenas somar e traduzir signos individuais (as letras, palavras), mas implica em contextualizar os significados de maneira intencional. Portanto, escrever não deve envolver somente a transcrição da linguagem oral, mas promover habilidades de reflexão e manipulação de conceitos. O principal objetivo do ensino da língua deveria ser a formação de leitores críticos, capazes de ler os significados implícitos de um texto, ou seja, ler criticamente. Para tanto, é preciso buscar menos o normativo, as regras gramaticais, trabalhando mais a estrutura e a criação de significados.

Sabemos que a leitura crítica de determinado fato tem a capacidade de expor seus mecanismos e, por conseqüência, apontar as contradições ideológicas das traduções mais simplistas da

realidade. E a imprensa escrita, enquanto veículo primordial do chamado universo midiático, pode ocupar lugar de destaque no aperfeiçoamento da formação profissional e intelectual do indivíduo. Ao considerar o papel privilegiado que desempenham os veículos de comunicação na organização política e econômica da sociedade moderna, Daniel Herz (1985, p.82) afirma que eles “[...] não cumprem um simples papel ideológico na constituição da hegemonia burguesa, mas exercem uma função organizadora e constitutiva das relações políticas e mercantis da sociedade brasileira”.

Neste sentido é que tratar das diversas maneiras em que pode ser baseado o relacionamento entre imprensa e educação é tão difícil quanto avaliar o que seria um possível *jornal educativo*. Se, por um lado, podemos falar de um periódico feito *para* alunos e professores, questionamos também se o seu conteúdo deveria ser produzido por educadores em forma de artigos e estudos ou bastaria registrar novidades e abordar questões ligadas à área. Seria, então, mais uma publicação científica ou acabaria sucumbindo aos ditames de mercado, da cultura de massa? São questões distintas e complexas, mas que apontam para o mesmo princípio que faz com que um jornal - mesmo da grande imprensa - sinta-se comprometido em sua vocação pedagógica e busque ser participativo sem necessariamente render-se às demandas de mercado, criando alternativas que envolvam a comunidade acadêmica no exercício de fazer o jornal.

## O jornal em sala de aula

Ao usar o jornal como material de apoio didático, o professor estará aproximando a escola do mundo que a cerca. Apenas em praticar o manuseio típico de um leitor de jornal, o aluno está aprendendo a fazer escolhas críticas em relação ao que quer e quando quer ler. Ele elege a reportagem, seção ou coluna que mais desperta seu interesse naquele momento. E esta seleção, em si, já implica em posicionamento crítico, participativo, denotando liberdade democrática de escolha. Além disso, o livro didático não mantém a instantaneidade da notícia de um jornal, pois ele não é publicado no dia seguinte ao fato.

É importante atentar para a questão do aprender a ler em jornal, no sentido de habilitar-se a distinguir a representação do

fato (a notícia) e o fato em si. Pois o discurso jornalístico reclama para si qualidades como veracidade, objetividade e atualidade, tão caras aos veículos de comunicação. Mas ele pode – e com que frequência o faz – incorrer em erros, imprecisões e deturpações, intencionais ou não, embora o leitor pareça estar sempre disposto a aceitar que o seu jornal predileto seja atual e verdadeiro. Cabe ressaltar que o jornal também inclui em suas páginas opiniões e juízos de valor sobre os mais variados assuntos, ainda que não explicita isso aos leitores. Considerando que um dos maiores atrativos do veículo impresso como recurso pedagógico está em sua linguagem jornalística, dinâmica e sempre atual, um desafio para professores e pesquisadores interessados no tema é passar a definir, analisar, trabalhar e ampliar este conceito com seus alunos.

Em sala de aula, o jornal ajuda no desenvolvimento dos processos de aprendizagem ao exercitar as capacidades de atenção, observação, síntese, associação, comparação e análise, aprimorando o poder de argumentação e estimulando o gosto pela pesquisa. Antes de tornar-se crítico, ele deve aprender a interpretar a realidade em que vive. Entre as características específicas que podem ser apontadas na identificação do jornal como excelente ferramenta pedagógica estão o seu conteúdo diversificado e atualizado, sua natureza transdisciplinar e linguagem concisa (e portanto acessível) e direta (informativa e factual, o que incentiva a formulação de análises críticas da realidade), assim como a sua característica de documento, de registro histórico dos principais fatos de relevância social, nacionais e internacionais (e alguns outros nem tão importantes assim, do ponto de vista da coletividade).

O jornal também é um poderoso instrumento auxiliar na tomada de decisões, pois várias são as notícias do dia que vão afetar direta e imediatamente a vida de cada um, desde uma greve nos transportes públicos ao decreto de aumento de impostos ou o anúncio de um esquema especial de vacinação coletiva. Para alunos da rede pública, sobretudo, matérias sobre a merenda escolar, o vestibular ou a reforma do ensino serão certamente familiares. Como é um formador de opinião por excelência, conduz seus leitores ao debate e à prática da discussão crítica e da troca de idéias opostas. A leitura de jornal enriquece o vocabulário, amplia a compreensão de textos e reforça a capacidade de reten-

ção de conhecimento, alarga a visão pessoal de mundo e estimula o interesse por temas atuais e assuntos locais, regionais ou globais. Traz, portanto, o pensamento nacional para a escola e provoca os alunos para questões próximas a eles, pois dizem respeito direta ou indiretamente às suas vidas, demandando posicionamento crítico, o que colabora para a formação cidadã. A competência em leitura é requisito imprescindível à consolidação da plena cidadania.

O veículo também faz uso de recursos para facilitar o entendimento do texto impresso, como as manchetes, as fotos, legendas, infográficos, mapas, tabelas, etc. Todos estes elementos completam e facilitam o processo de leitura, tornando-o mais atraente, pois a leitura do jornal deve ser ágil, dinâmica e seletiva, sem cair na pasteurização que levaria à diluição dos conteúdos informados. O leitor habitual de jornal, quando o lê, avalia automaticamente a diagramação das páginas, as ilustrações e elementos gráficos apresentados, os diversos sinais (símbolos, siglas, logomarcas, etc.) e os textos em suas diferentes formas e conteúdos (notícias, reportagens, artigos, editoriais, publicidade, etc). Faz isso em busca das notícias que mais lhe interessam, podendo até desprezar e ignorar outras completamente. Ou seja, ele edita sua leitura, faz escolhas e incorpora uma postura crítica e ativa diante do conteúdo informativo colocado à sua frente.

## Os resultados da pesquisa

Criado em março de 1996, o programa, *A Tarde na Escola* iniciou a experiência com três unidades escolares e atendia, em 2005, a 76 instituições de ensino na Bahia, sendo 62 escolas públicas e 14 particulares ou ligadas a organizações não-governamentais, nas cidades de Salvador, Catu, São Sebastião do Passe, Vera Cruz e Itaparica. Cerca de 3 mil alunos de escolas particulares e 60 mil das redes públicas estadual e municipal eram atendidos pelas atividades desenvolvidas pelo programa, que trabalha essencialmente com crianças e adolescentes do ensino fundamental e médio, com idade escolar entre 11 e 18 anos, além de professores, diretores, orientadores e coordenadores pedagógicos.

Não há jornalistas diretamente envolvidos na iniciativa, os trabalhos são geridos e conduzidos por dois assessores pedagógi-

cos ligados à área de projetos especiais da empresa. Diariamente, um exemplar do jornal é entregue às escolas municipais, estaduais ou ligadas a organizações não-governamentais que integram o programa. Além disso, todas as quartas-feiras são distribuídos 1.850 exemplares do suplemento semanal Caderno 10 e mais 3.206 encalhes.

A sistemática de atuação do programa *A Tarde na Escola* é marcada por encontros onde se realizam oficinas pedagógicas para análise e produção de textos com enfoque nos denominados temas transversais, como ética, pluralidade cultural, trabalho e consumo, sexualidade e meio ambiente. Algumas sugestões são levadas aos professores, como a criação de um momento de leitura do jornal em sala de aula; montagem de hemerotecas; comentários sobre as matérias, manchetes, reportagens, cartas do leitor e fotos do dia; leitura de matérias para debate com os colegas; elaboração de jornal semanal com a opinião da turma sobre os assuntos abordados; ou pesquisas escolares a partir de temas noticiados no jornal.

## O trabalho de campo

As entrevistas com os educadores ligados ao programa foram realizadas entre 1 e 8 de junho de 2005, envolvendo entrevistas pessoais semi-estruturadas (ou seja, a partir de um roteiro prévio de perguntas elaboradas sob orientação das questões norteadoras deste estudo), com 15 professores que participam regularmente das atividades. Tal conjunto corresponde a uma amostra de aproximadamente 20% das 76 instituições de ensino atualmente cadastradas junto ao programa.

Observando o critério de proporcionalidade, foram ouvidos cinco professores de escolas públicas municipais e dois de escolas estaduais localizadas em Salvador, outros dois de escolas municipais da localidade de São Sebastião do Passé, um de Catu, um de Itaparica e um de Vera Cruz, além de um que leciona em colégio particular e outros dois ligados à ONG. O perfil médio destes educadores indicou 73,3% de mulheres contra 26,7% de docentes do sexo masculino, com idade de 43 anos. Quase todos com nível superior, contra apenas um que concluiu o ensino médio. Uma maioria de 80% realizou pelo menos um curso de especialização em áreas como gestão educacional, metodologia do ensino ou

psicopedagogia, entre outras. Igual proporção de 80% pertence à rede pública, enquanto que os 20% restantes se dividem entre instituições privadas e ONG. Entre as funções e atividades exercidas, encontramos 53,3% de professores, 13,3% de diretores e 13,3% de vice-diretores, além de coordenador pedagógico, assistente de coordenação e bibliotecária, com uma indicação cada.

Os professores são em sua maioria dedicados ao ensino de Língua Portuguesa (75%), seguindo-se as disciplinas de História (25%), Filosofia e Espanhol (12,5% cada). O total destes resultados não soma exatamente 100% em razão de alguns entrevistados trabalharem com mais de uma disciplina, simultaneamente. Os educadores ouvidos revelaram que estão, em média, há 9,7 anos no cargo e há cerca de 4,8 anos trabalhando com o programa *A Tarde na Escola*, sendo que os mais novos estavam iniciando a experiência somente a partir deste ano letivo, enquanto os mais antigos participam das atividades desde a sua implantação, há cerca de nove anos, acumulando experiência em relação ao programa.

A metodologia adotada mais freqüentemente por eles para o trabalho com jornal em sala de aula envolve, por ordem, os exercícios de leitura, interpretação e compreensão de texto (que mereceram 53,3% das respostas), a investigação da linguagem jornalística e sua tipologia textual (40%), a elaboração de jornal mural e como material de pesquisa (33,3% cada), a discussão em classe de temas noticiados (26,5%), a confecção de jornal escolar, análise do funcionamento e estrutura de uma empresa jornalística e os exercícios de recorte e colagem (que tiveram 13,3% de respostas, cada). Neste caso, é preciso observar que os entrevistados também puderam apontar em suas respostas mais de um tipo de trabalho preferido.

O roteiro de entrevista oferecido aos professores incluiu questionamentos sobre os projetos por eles desenvolvidos a partir da experiência com *A Tarde na Escola*, o eventual aumento de interesse dos alunos por leitura de uma maneira geral, o desenvolvimento de criatividade e da capacidade de compreensão de textos, a formação de alunos mais conscientes e críticos, o sucesso escola e o conteúdo noticioso do jornal *A Tarde* em relação às suas necessidades pedagógicas específicas, além de abrir espaço para sugestões destinadas a aprimorar a iniciativa. A predominância das experiências até então acumuladas concentra-se nas atividades de estímulo à leitura, podendo-se adicionar como exer-



cícios correlatos ou dele decorrentes os debates sobre fatos, temas e eventos noticiados através das notícias publicadas e a produção de textos dissertativos. É lógico supor que este fato decorre diretamente das próprias características de conteúdo e objetivos pedagógicos da disciplina de Língua Portuguesa, já identificada como maioria entre os professores que participam de iniciativas que envolvam o jornal em sala de aula.

A questão final da entrevista dizia respeito ao conteúdo noticioso do jornal *A Tarde*, em razão da necessidade de apurar os reflexos sobre o programa das recentes modificações editoriais e de estilo promovidas pelo veículo, incluindo as transformações sofridas pelo Caderno 10, que migrou radicalmente de público-alvo, linguagem, objetivos e formatação estética em relação ao produto inicial criado para atender ao programa *A Tarde na Escola*. Neste sentido, verificamos que a maioria apontou a necessidade de contar com novos temas, assuntos ou abordagens para auxiliar em seu trabalho em sala de aula. Em termos proporcionais, entre os 60% que assim responderam à pergunta, surgem por ordem a produção de textos e trabalhos elaborados pelos próprios alunos (33,4%), as temáticas adolescentes (22,2%), os assuntos ligados ao ensino fundamental, o conteúdo lúdico, temas transversais e textos específicos sobre educação (11,1% cada).

Por fim, o trabalho de campo buscou levantar entre os professores que já trabalham com jornal em educação sugestões e recomendações no sentido de aprimorar o programa. O que, em certa medida, mostrou relação direta com a última pergunta da entrevista, ou seja, as sugestões apresentadas concentram-se, em sua maioria, em atender à demanda identificada por maior espaço editorial destinado à produção acadêmica. Foi possível identificar duas premissas básicas a orientar a avaliação que este percentual maior de professores ouvidos faz de suas atividades com o jornal em sala de aula e do próprio programa, enquanto parceiro e fomentador da iniciativa.

Primeiro, que o jornal é, em si, o veículo apropriado e indicado para que a comunidade escolar divulgue, debata e encaminhe suas questões mais relevantes. Em outras palavras, que o periódico impresso – sobretudo o mantenedor do próprio programa de jornal na escola – disponibilize e garanta espaço para que a educação reflita sobre si mesma, seus princípios e suas práticas. De

uma maneira geral, praticamente todo segmento social quer ver suas atividades registradas nas páginas de um veículo de comunicação social e o meio escolar não seria diferente.

A segunda premissa a ser levada em consideração diz respeito à orientação contemporaneamente aceita pelos educadores de que o processo de ensino e aprendizagem deve envolver, cada vez mais e sempre que possível, a construção de saberes a partir da *práxis* efetiva, do saber fazer preconizado pela Unesco como um dos paradigmas emergentes da educação no século XXI. Neste sentido, mais uma vez fundamenta-se o desejo expresso pela maioria dos entrevistados em dispor de condições práticas para elaborar, trabalhar e ver publicados os conteúdos desenvolvidos durante as oficinas e demais atividades pedagógicas do programa *A Tarde na Escola*.

## Considerações finais

O problema primordial a nortear este trabalho é a busca por explicar se os estudantes que participam do projeto *A Tarde na Escola* têm logrado, de fato, desenvolver uma maior capacidade de leitura e compreensão de textos, bem como uma interpretação crítica da realidade que o cerca (o que decerto favoreceria o seu processo de construção da plena cidadania), podemos constatar que os objetivos propostos foram plenamente alcançados. Os resultados da pesquisa indicam de maneira clara que o jornal impresso guarda um enorme potencial para ser utilizado de maneira efetiva como ferramenta pedagógica, inclusive no que diz respeito à formação de leitores críticos, criativos e habilitados a promover a contextualização dos conteúdos curriculares com a realidade concreta em que estão inseridos.

A partir das questões definidas para balizar nosso estudo, buscamos avaliar em que medida o periódico impresso realmente utiliza todo o seu potencial como ferramenta na formação de consciência crítica entre seus leitores, sobretudo entre os estudantes contemplados por iniciativas como *A Tarde na Escola*. Neste processo, foi necessário levantar quais práticas pedagógicas estão contempladas no programa, a fim de determinar se a leitura regular de jornal pode incentivar a formação de alunos mais conscientes ou mesmo tolerantes com opiniões diversas, mais criativos e aptos a relacionar eventos a contextos.

Mais que isso, se o jornal consegue, inclusive, contribuir para o sucesso escolar dos alunos envolvidos no programa. Para tanto, outras questões investigadas foram os métodos, técnicas e práticas pedagógicas utilizados com melhores resultados; se o impresso pode ser usado com eficácia em todas as disciplinas do currículo escolar ou é mais adequado e eficiente como apoio didático apenas para algumas matérias.

A pesquisa evidencia, neste sentido, que todo o potencial oferecido pelo veículo impresso como instrumento pedagógico é bem mais eficazmente trabalhado através de um programa específico, estruturado de preferência (mas não exclusivamente) entre um veículo de comunicação social e as instituições escolares localizadas em seu raio de atuação ou influência. O que envolve não apenas a distribuição de exemplares diários ou cotas de encalhes, mas também e principalmente o necessário acompanhamento pedagógico, a realização de oficinas, palestras e o desenvolvimento de outros mecanismos de envolvimento e interação entre a comunidade escolar e o jornal.

Durante o nosso estudo, também foi possível responder aos objetivos específicos que foram propostos, como levantar o material teórico disponível sobre o uso do jornal em sala de aula (através tanto da bibliografia existente, quanto do acervo documental e eletrônico encontrado); classificar quantas e quais são as experiências do gênero bancadas por jornais brasileiros, criando uma base comparativa em relação ao programa estudado; descrever e caracterizar adequadamente o projeto *A Tarde na Escola*, situando a experiência no contexto sociopedagógico nacional e compreendendo sua proposta e filosofia a partir das práticas pedagógicas efetivamente desenvolvidas; levantar a metodologia empregada e avaliar os resultados obtidos junto aos alunos atendidos.

Desta forma, verificamos que em geral as práticas pedagógicas contempladas em *A Tarde na Escola* não diferem muito do que é realizado pela maioria deste tipo de iniciativa em território nacional. O programa também não tem apresentado nenhuma inovação no sentido de explorar mais profundamente o vasto potencial criativo tanto do veículo impresso em si quanto dos professores e estudantes, alvo final de suas ações.

Lembrando que inúmeros pesquisadores que se dedicam ao assunto têm sugerido que o trabalho com o periódico impresso

pode ser ampliado se possível para todas as disciplinas das grades curriculares desde o ensino fundamental até o superior, uma das primeiras recomendações deste trabalho aponta para a necessidade de divulgar de maneira mais efetiva as vantagens e possibilidades de uso do jornal entre os professores das demais cadeiras, além daquelas dedicadas à língua vernácula.

É importante lembrar outra importante recomendação derivada do presente estudo, que é a criação de um suplemento dedicado à educação que não somente noticie e acompanhe os temas e debates, os eventos e realizações ligados à área educacional, mas inclua a publicação de artigos e demais material produzido por professores e estudantes.

Ao cotejar as conclusões do nosso estudo com o que foi apresentado a partir do levantamento efetuado pela Associação Nacional de Jornais, assume grande relevo a característica que iniciativas como *A Tarde na Escola* apresentam no sentido de aproximar a escola das questões do cotidiano. Este foi apontado como o objetivo mais concretamente atingido, de acordo com a avaliação dos gestores dos programas nacionais investigados, contudo sem deixar de registrar um significativo espaço para a intenção de incentivar a leitura de jornais.

Tais conclusões apontam para a necessidade de que o programa busque ampliar o acesso a um número maior de alunos de escolas públicas, principalmente aquelas situadas entre as comunidades mais carentes, no interior da Bahia, já que é justamente nelas que se encontra o tipo de clientela que mais necessita deste tipo de ação. Nestes locais estão os alunos cujas famílias sequer possuem condições materiais para comprar um jornal diário, que – na verdade – deveria ser o veículo de inclusão cultural mais acessível, já que se trata de uma mídia relativamente barata e disponível, sobretudo se comparada aos livros (didáticos ou não), aos CD de música ou programas multimídia, à tecnologia eletrônica e à informática e sua rede mundial de informação.

O jornal é também mais acessível em relação a espaços de produção e difusão cultural como o cinema ou teatro. Museus e bibliotecas, apesar de gratuitos, possuem estrutura inadequada ou muitas vezes inexistem nas pequenas e médias cidades baianas. A televisão não foi incluída nesta relação porque, apesar de bastante acessível, é sempre alvo de muita polêmica quando se trata de projetos educacionais, merecendo em verdade vários e diver-

tos estudos à parte, principalmente no que diz respeito à sua natural vocação pedagógica. Por todas estas razões, é importante manter e até mesmo ampliar o material destinado à orientação aos professores que participam do projeto *A Tarde na Escola*, incrementando igualmente a realização das atividades regulares de oficinas, palestras e demais eventos.

Por fim, verificamos que o programa do jornal *A Tarde* tem registrado um número muito pequeno de iniciativas destinadas a incentivar entre professores, alunos e comunidade, a discussão sobre o papel e a responsabilidade da própria imprensa, enquanto instituição formadora de opinião. Este é um debate cada vez mais necessário e que deve envolver não apenas o núcleo que integra o programa de jornal na educação, seus assessores pedagógicos e os educadores que participam das atividades, mas sim procurar envolver amplamente jornal e escola, corpo redacional e comunidade acadêmica, jornalistas, professores, pais e alunos. Experiências deste tipo podem, inclusive, desaguar no estabelecimento de conselhos editoriais efetivamente participativos e empenhados em discutir e encaminhar um papel de responsabilidade social assumido na linha editorial e transcrito nas páginas diárias do jornal impresso.

Um outro aspecto desta mesma questão diz respeito à necessidade identificada durante a nossa pesquisa de que programas como o *A Tarde na Escola* estejam dispostos a estimular e criar as condições para que estudantes e professores possam planejar e produzir seus próprios jornais escolares, que podem ter o formato impresso tradicional, ser veiculado pela internet ou como mural, não importa, mas que seja fruto de uma disposição autêntica em produzir um instrumento de comunicação social legítimo e independente.

Somente a lição e o exemplo de tal entendimento já é base sólida para a construção de cidadania. Por conseguinte, uma das mais relevantes contribuições recolhidas durante as oficinas pedagógicas e o processo de entrevistas pessoais com os 15 professores das redes pública e privada, foi o interesse demonstrado quase que unanimemente na criação de um espaço regular – seja um caderno específico, editoria, página ou coluna – exclusivamente dedicado à educação, sobretudo contemplando a publicação de material produzido por alunos e professores ligados ao programa.

## Newspaper in schools: strategies for the construction of citizenship

**ABSTRACT:** The central subject of this dissertation is the newspaper at school, its use in class as a resource of didactic support, but, mainly, as incentive to the practice of reading and, consequently, as a means for the critical interpretation of the reality by the students, favoring, this way, his/her process to the formation of the citizen hood. In Bahia just the A Tarde newspaper keeps, since 1996, a program entitled *A Tarde na Escola - A Tarde at School*. The research was concentrated on this experience, in the construction of a study of case that allowed to understand how experiences like these have contributed to the formation of students as more creative readers and more critical in relation to the social context to which they belong.

**KEY WORDS:** Literacy. Newspaper. School. Citizen hood.

## Referências

ARAÚJO, Alcione. *Leitura e linguagens*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LEITURA, 1994, Rio de Janeiro. **Leitura, saber e cidadania**. Rio de Janeiro: Centro Banco do Brasil, 1994. p. 129-133.

BAHIA é campeã de analfabetismo. **A Tarde**, Salvador, 5 jun. 2003. p. 17.

BELO, André. **História & Livro e leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BIANCHIN, Neila. **Romance reportagem**: onde a semelhança não é mera coincidência. Florianópolis: UFSC, 1997.

BIRMAN, Joel. *Leituras críticas*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LEITURA, 1994, Rio de Janeiro. **Leitura, saber e cidadania**. Rio de Janeiro: Centro Banco do Brasil, 1994. p. 103-112.

BOAVENTURA, Edivaldo M. **Metodologia da pesquisa**: monografia, dissertação, tese. São Paulo: Atlas, 2004.

BOUGNOUX, D. **Introdução às ciências da informação e da comunicação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BUTLEN, Max. *Ler, compreender e interpretar textos literários na escola*. In: RÖSING, Tania M.K.; RETTENMEIER, Miguel (Org.). **Questões de leitura**. Passo Fundo: UFP, 2003. p. 61-65.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Scipione, 2001.

CAVALCANTI, Joana. **O jornal como proposta pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2003.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp, 1999.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa: um curso**

**sobre sua estrutura.** São Paulo: Ática, 1993.

COSTA, Sílvia. **Jornal na Educação:** considerações pedagógicas e operacionais. 2. ed. Santos: [s.n.], 1997.

CORDEIRO, Verbena Maria Rocha. Itinerários de leitura no espaço escolar. **Educação & Contemporaneidade - Revista da Faceba**, Salvador, v. 13, n. 21, p-95-101, jan/jun. 2004.

DIMENSTEIN, Gilberto; KOTSCHO, Ricardo. **A aventura da reportagem.** São Paulo: Summus, 1990.

DINES, Alberto. **O papel do jornal.** São Paulo: Summus, 1996.

FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão. **Prática de texto.** Petrópolis: Vozes, 1992.

FARIA, Maria Alice. **Como usar o jornal na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 1999.

\_\_\_\_\_. **O jornal na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_; ZANCHETTA, Juvenal. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar:** como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GUSMÃO, Neusa Maria M. de. *Projeto e pesquisa:* caminhos, procedimentos, armadilhas. In: LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo (Org.). **Desafios da pesquisa em ciências sociais.** São Paulo: CERU/USP, 2001. p. 73-87.

HERR, Nicole. **Aprendendo a ler com o jornal.** 2. ed. Belo Horizonte: Dimensão, 2001.

HERZ, Daniel. **Comunicação e transição democrática.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

HOHLFELDT, A. **Teoria da comunicação.** Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

IANNI, Octávio. Leitura, escrita e cultura. In: LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina (Org.). **O preço da leitura:** leis e números por detrás das letras. São Paulo: Ática, 2001. p. 9-12.

JORNAL, para ler (e fazer) na escola. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, maio/jun. 2003. Folha Educação, p. 1.

JORNAIS estimulam exercício da cidadania e hábitos de leitura. **Jornal ANJ**, Brasília, out. 2004. p. 28.

KLEIMAN, Ângela. Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor. In: RÖSING, Tânia; BECKER, Paulo (Org.). **Leitura e animação cultural**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 27-35.

\_\_\_\_\_. Práticas letradas e gêneros na escola. **Correio Popular**, Campinas, 30 out. 2002. Correio Escola, p. 7.

\_\_\_\_\_. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. São Paulo: Pontes, 1995.

KUNSCH, M. **Universidade e comunicação na edificação da sociedade**. São Paulo: Loyola, 1992.

LAJE, Nilson. **A estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1985.

\_\_\_\_\_. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: Insular, 2001.

\_\_\_\_\_. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 1986.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2000.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1999.

\_\_\_\_\_. **A leitura rarefeita**: leitura e livro no Brasil. São Paulo: Ática, 2002.

LEVANTAMENTO de opinião sobre o trabalho desenvolvido pelo jornal A Tarde em parceria com a Secretaria Municipal da Educação e Cultura. Salvador: Prefeitura Municipal de Salvador, 2004.

LOPES, Eliana M. Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Leitura como processo inferencial num universo cultural-cognitivo. In: BARZOTTO, Valdir Heitor (Org.). **Estado de leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 1999. p.95-124.

MEDITISCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: UFSC, 1992.

NEUMANN, Laurício. **Educação e comunicação alternativa**. Petrópolis: Vozes, 1991.

O JORNAL como instrumento pedagógico. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, maio/jun. 2003. Folha Educação, p. 8.

OS PROGRAMAS de jornal na educação brasileiros: um diagnóstico. Brasília: Associação Nacional de Jornais, 2004.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Unicamp, 1993.

PAÍS tem 24 milhões de analfabetos. **A Tarde**, Salvador, 3 dez. 2003. p.14.

PAVANI, Cecília (Org.). **Jornal, (in) formação e ação**. Campinas: Papyrus, 2002.



PERIOTTO, Marcília Rosa. O papel da imprensa no processo de construção da nação: a “vocação pedagógica” do Correio Braziliense. **Revista Histedbr**, Campinas, n.16. p.61-83, dez. 2004.

PESQUISA aponta fracasso do ensino. **A Tarde**, Salvador, 13 set. 2003. p.15.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso**: introdução à análise de discursos. São Paulo: Hacker, 1999.

PORTO, Sérgio D. **O jornal**: da forma ao sentido. Brasília: Paralelo 15, 1997.

PROUST, Marcel. **Sobre a leitura**. Campinas: Pontes, 1991.

QUEVEDO, Hercílio F. Ler é nossa função essencial (ou não?). In: RÖSING, Tânia; BECKER, Paulo (Org.). **Leitura e animação cultural**. Passo Fundo: UFP, 2002. p. 69-82.

REZENDE, Humberto. O jornal dentro da escola. **Correio Braziliense**, Brasília, 25 ago. 2000. Educação, p. 12.

RONCA, Paulo A. Caruso. **O pensamento parece uma coisa à toa**. São Paulo: Edesplan, 2001.

SOARES, Magda Becker. **Letramento, um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOUZA, Pedro Jorge. **As notícias e os seus efeitos**. Coimbra: Minerva, 2000.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

TRAQUINAS, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

YIN, Robert. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

YUNES, Eliana. Políticas públicas de leitura - modos de fazer. In: RÖSING, Tania M.K.; RETTENMEIER, Miguel (Org.). **Questões de leitura**. Passo Fundo: UFP, 2003. p. 15-20.